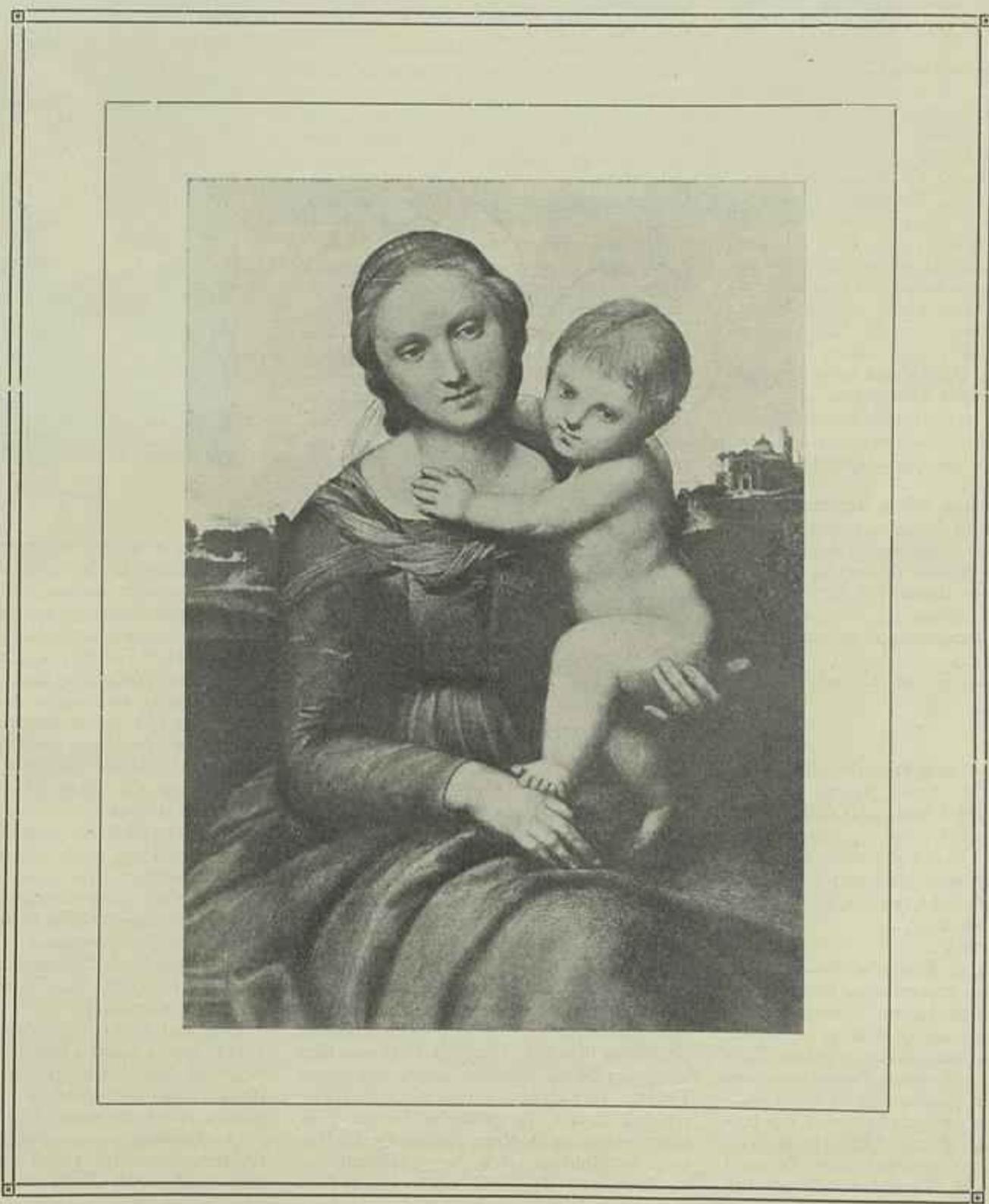


OCCIDENTE



REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO
 Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1260	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	30 de Dezembro de 1913	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	650	120		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	650	120		



MADONNA

Quadro de Rafael, adquirido agora por 70:000 libras pelos srs. Duveen Bros, da America do Norte

CRONICA OCCIDENTAL

Horas mortas! Horas mortas!

Alta noite... O vento paira, em deliquios de extase, no espaço imenso. As nuvens põem auréolas de luar distante sobre a cidade adormecida. E a chuva, miudinha, manselinha, resvala, de leve, pelos beiraes...

Silencio! Alta noite...

Olho, em redor, a minha camara desolada de sonho e exilio... Tristezas. Melancolias. Saudades. Livros erguem-se, em supplica, ao meu olhar. Flôres raras, dispostas por mãos de caricia em solitarias esguias, enlaçam e aliciam, de perfumes, os meus sentidos. Retratos queridos esmaecem sobre a minha mēsa de trabalho. Cartas dispersas, futeis e adoraveis, refletem ecos de vozes perturbadoras na minh'alma.

Cofres pequeninos de xarão guardam, em recolhimento religioso, reliquias e cinzas velhas...

Silencio! Horas mortas...

Alta noite... A minha vida passa em reminiscencias fugidias ante o meu olhar absorto e remotissimo.

Tristezas. Melancolias. Saudades.

Vida perdida... Caminhos errados... Ilusões desfeitas... Ha longos anos, num lar aconchegado de provincia, mancebo ingenuo, menos feliz, mais feliz, de cabelos loiros em auréola sobre a fronte, e lindos sonhos de encantamento na alma, tinha impetos de cavaleiro antigo de capa e espada. Sobre o coração, jurava defender a sua religião e a sua dama.

Ingenuo! A poeira dos tempos envolveu-o e resequiou-o e esterilizou-o.

A luz de Deus extinguiu-se. Se ajoelha — não ha forças misticas que o animem, nem vozes divinas que respondam á sua voz supplicante.

Ao sair da sua aldeia, rondas de loucuras tomaram-no de desvairo pelo mundo. As willis alvas das florestas raptaram-no nos seus veus fluidos de magia. As feitiçarias do monte deram-lhe filtros de encanto e esquecimento.

As sereias atraíram-no ao mar bravo dos naufragios...

Horas mortas! Horas mortas!

Meu Deus — que é feito de mim?

No relógio da torre, batem, compassadamente, as doze badaladas da noite. As nuvens esgarçam-se, em algodões vagos, pelas alturas. O vento desfralda e flutua o seu pavilhão no espaço imenso. E a chuva, miudinha, manselinha, resvala, de leve, pelos beiraes. Alta noite...

Noite de Natal!

Recordações... Recordações... Mudei e tudo mudou, tristemente, derredór de mim. Invernos de Lisbôa, mornos, insípidos, acalentados de estôfos e fogões de gaz, divertidos em salsifrés e saraus idiotas, como são diferentes desses invernos longos, frígidos, patriarcaes da Beira onde a familia é uma instituição divina e a tradição tem culto duma liturgia intangível, secular... Transporte-me com alvoroço aos meus tempos suavissimos do menino e moço. Noite de Natal...

Ardem fogueiras intensissimas pelas praças.

Vitraes das igrejas relumbram de reverberos.

Nos interiôres recolhidos das habitações, as familias pacatas reúnem-se em seroadas longas. Sobre as lareiras o azinho em flama zune e estala.

Nós e visitas da casa jogam com gravidade e circunspecção o dominó. As avós sabichonas preparam as frituras e as criadas velhas joeiram escrupulosamente o carôlo. As filhós começam de passar, de mão em mão, com gula...

Em breve, na torre da sé, os sinos chamam com entusiasmo e unção, á missa da meia-noite. O menino-deus vai nascer...

E todos acodem fielmente ao clamor do campanario. Sómente a pequenada irrequieta, em espartina e alguma velha centenaria e reumatica, ficam de guarda ao lume do lar. E eil-os que se encolhem, mais e mais, sobre a lareira, silenciosamente, de espreita á fresta pequenina do telhado onde o menino-deus recém-nascido vai acalentar a perninha nua e friorenta.

Recordações... Recordações...

Em fóra á ventania, perto do adro, a fogueira do Natal, sempre e sempre, mais e mais, desvaira em fumo, e ergue-se, azas plenas, pelas alturas, em ondulações gloriosissimas de luz. Em roda, os camponeses dos arrabaldes formam cidadela e estendem as mãos em circulo, enregeladas, arripiadas, sobre o fogo...

Os sinos repicam alegremente...

A' saída da igreja, o circulo giganteo de gente engrossa-se desmedidamente e quasi se precipita, em furia, sobre a fogueira relumbrante. Mais alto e mais, entôam-se, com seguimento de ferrinhos e harmoniums roufenhos, saudações ao menino-deus. Andam rondas de dança, tresnoitadas, tresloucadas, pelos terraços. Nuvens de incenso palpitam sobre os brazeiros enormes.

Madrugada. Os fogos sacros bruxoleiam e extinguem-se, aos poucos, resignadamente...

Horas mortas! Horas mortas!

Silencio!

Recordações...

ANTONIO COBEIRA.



Um quadro de Rafael

Da pléiade de pintores da Renascença é Rafael de Urbino o que triunfa em toda a linha, não só pelo seu grande talento que brilhou, sobre tudo, na beleza das suas *Madonnas*, mas por outras circunstancias que lhe deram os foros de feliz, como nenhum outro pintor logrou ser.

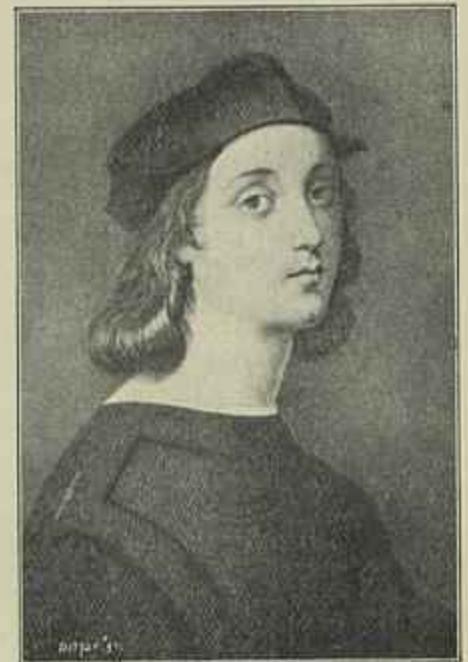
Filho de um modesto pintor, chamado Giovanni Santi, nasceu em Urbino, no ano de 1483. Seu pai ensinou-lhe os primeiros rudimentos da arte e depois recebeu as primeiras lições de Timoteo Vitti, que fóra discípulo de um afamado pintor e ourives Francia, da brilhante escola veneziana. Por ultimo, Rafael, já estabelecido em Florença, estudou as obras primas de Masaccio, de Ghirlandajo e, principalmente as de Leonardo de Vinci, então em todo o apogeu da fama.

Assim com tão bons estudos ele aproveitou o melhor de cada artista, e assim

com seu criterioso espirito se formou o grande pintor que assombrou com suas obras.

Aos 16 anos produziu o seu primeiro quadrinho, *Sonho do Cavaleiro*, que hoje está na Galeria Nacional de Londres. A quantidade de seus quadros é consideravel, apesar de ter falecido ainda novo, com 37 anos apenas, em 6 de abril de 1520. Enumerar, porém, todas as suas obras, não comporta esta pequena noticia, que vem aqui simplesmente a proposito, do quadro de uma das suas *Madonnas*, que foi agora adquirido pelos srs. Duveen Bros, da America, por 70:000 libras, ou sejam cerca de tresentos e cincoenta contos da nossa moeda, quantia fabulosa em relação a um quadro.

E' a reprodução desta maravilha da



RAFAEL

pintura que hoje o OCCIDENTE apresenta aos seus leitores. Este quadro é ainda mais notavel principalmente por ter sido todo pintado pelo glorioso artista, o que não succedeu com o *Niccolini Madonna*, exposto na Grosvenor Gallery, nem com o famoso *Bridgewater House Raphaels*. O sr. Berenson, a maior autoridade da arte italiana, classifica este precioso quadro, sob o ponto de vista da perfeição artistica e da beleza ao lado da *Sistine Madonna*, de Dresde, e da *Madona del Gran Duca*, do Palacio Pitti de Florença.

Esta maravilha foi pintada pelo grande mestre em 1505, pouco depois da sua chegada a Florença, apoz a sua saída da casa de *Perugino*, chefe da sua escola. Os ingleses chamam-lhe *The little Cowper Madonna*, em homenagem a *George Nassau*, terceiro conde de *Cowper*, que comprou o quadro em 1780, em Florença, onde era ministro britânico.

Este ano é já o segundo quadro notavel de que a Europa fica privada, em proveito da America do Norte, onde as grandes fortunas permitem disputar a peso de ouro a posse das maravilhas da Arte.

O *Occidente* reproduziu a paginas 308 d'este volume (n.º 1252) o celebre *Rembrandt, Toilet de Bathsheba depois do banho*, o qual foi vendido em Paris por 40:000 libras aos mesmos srs. que adquiriram agora esta *Madonna* de Rafael.

SALVADOR ROSA



A Festa do Batismo

Murmúrios da Floresta

Siegfried—Wagner

A Norberto Correia



USSURROS da Floresta envelhecida,
Folhas cahindo — almas murmurando...
A linguagem da tarde entristecida,
Som de folhas e vento — Estão orando.

Um melro solta uma canção dorida,
— Ha fremitos nas folhas tremulando —
Outro responde, além, outro em seguida...
São aves a fallar — Estão resando.

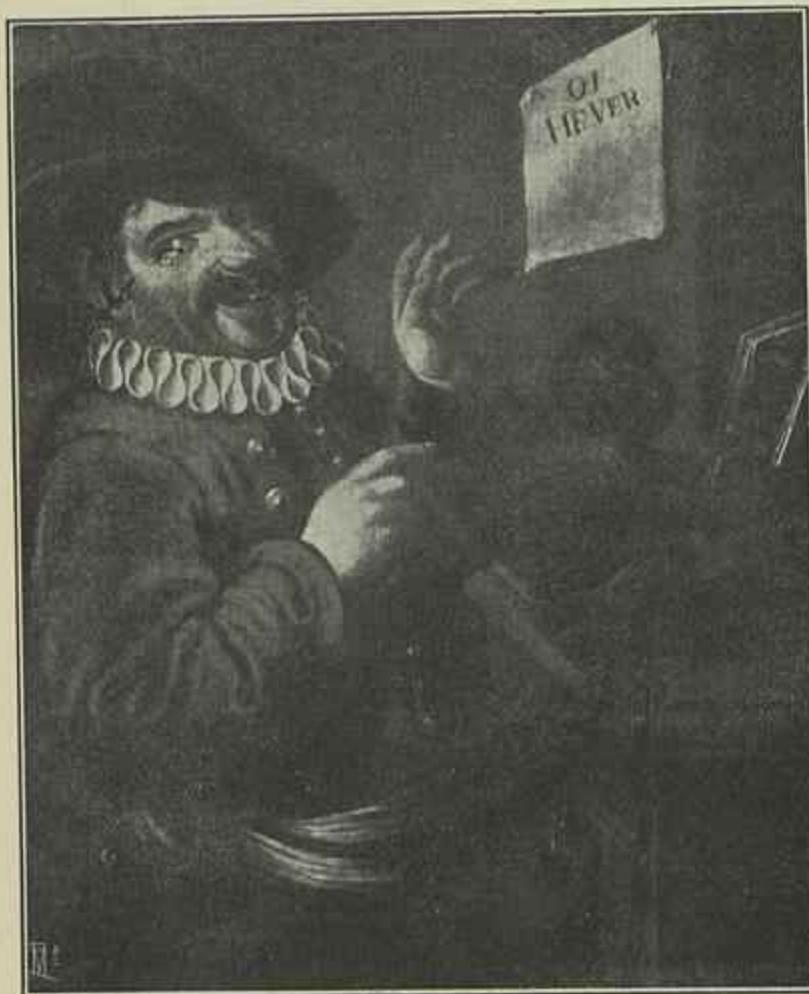
Murmúrios da folhagem — Oração.
Desce a tarde. Na calma solidão
A voz das aves resa docemente...

A Floresta murmura n'um ancelo...
Ouve-se ainda um último gorgoejo,
E o sol, ao longe, morre de repente.

Dezembro 1913.

Cortes Rodrigues.

VELASQUEZ



MACACO AO ESPELHO



O HOMEM DA MEDALHA RINDO DE REVEZ

QUADROS ANTIGOS

Colecção Moreira Freire

Mais circunstanciadamente nos referimos já á preciosíssima colecção de quadros antigos que o sr. Moreira Freire possui. Dissemol-o — o seu vasto e sadio quinto-andar, na Avenida da Liberdade, vale incontestavelmente um ótimo musêu...

Pois é dessa tão grande quanto valiosa galeria de pintura dos antigos mestres, que, hoje, ao acaso, tirámos alguns quadros e exarámos-os em gravura nas páginas desta Revista. Quadros de Velasquez — vê-los é sentirmo-nos deliciosamente suspensos da arte infinita do seu detalhe e sobriedade delicadíssima do seu colorido. Nos seus processos, não é bem um espanhol que se revela. Parece bem que o seu olhar absorvêra longamente as saudosíssimas tonalidades do céu de Portugal. No — *Macaco ao espelho* — é chistoso de pormenores e de fino bom-senso na conceito. *Oi he ver*.

No — *Homem da medalha* — a estelisação dos traços fisionómicos faz lembrar os processos modernos de alta caricatura.

Apresentámos, também, em gravura magnífica, uma paisagem de Salvador Rosa. Elogios que se lhe façam, são supérfluos sempre. E' deixar fugir nos longes encantados de feeria das suas paisagens, o espirito maravilhado...

Espairecer... sonhar...

Os olhos perdem-se de encantamento,

nas luminosidades fluidas, remotíssimas, dos céos.

Espairecer... sonhar...

Ha côros de anjos e surdinas de arcos, no ambiente vago das coisas.



PELO MUNDO FÓRA

Lavrou ultimamente grande agitação na Alsacia, e em toda a Allemanha, por causa do *incidente de Saverne*, cidade situada entre *Strassburg* e *Metz*. Teve por origem umas injurias dirigidas a um alsaciano pelo *tenente von Forstner*, do regimento 99.^o de infantaria da Prussia. Chamar *wackes* a um alsaciano constitue o maior dos insultos. A população revoltou-se contra o regimento; os officiaes pugnaram pelo prestigio militar. D'aqui conflictos serios, que irritaram os animos. A pacificação da Alsacia é um problema difficil para a Allemanha.

O caso d'agora deu assumpto para uma interpelação no *Reichstag*, onde immediatamente se puzeram em lucta os elementos mais proeminentes dos poderes *civil* e *militar*, chegando até a falar-se em que se estava no principio d'uma crise de regimen.

O ministro da guerra, general *von Falken hayn* e o *chancellor Bethmann Holweg* deploraram os incidentes, mas não satisfizeram as opposições. O *chancellor* do imperio soffreu um voto de censura, approvado por 293 contra 54.

Os socialistas convidaram o *Reichstag* a dar a prova da sua energia, exigindo a de-

missão do ministro da guerra e do *chancellor* e recusando-se a votar o orçamento. Entendem que a democratização do exercito e a sua transformação em milicia seria o unico meio de remediar um tal estado de cousas.

Os animos serenaram porque se deram as necessarias satisfações e se procurou castigar os culpados; mas o que se não apaga é a ideia da existencia d'um espirito militarista pretendendo dominar toda a Allemanha.

Esta nação deve regosijar-se pelo facto da Turquia ter confiado o commando do primeiro corpo do seu exercito a uma missão de officiaes allemães. A Russia e as suas parceiras da *Triple-Entente* viram nisso uma ameaça e fizeram uma *démarche* energica junto da *Sublime Porta*. Apesar d'isso, *Djemal bey* entregou já o referido commando ao general allemão *Liman von Sanders*.

O jornal *Tanin* diz que a *démarche* é intempestiva e absolutamente contraria ás tendencias pacificas que a *Triple Entente* não cessa de proclamar. O grão-vizir declarou que esta missão não tem fins politicos, mas apenas militares. O general *Liman* não tem sob o seu commando nem o *Bosphoro*, nem os *Dardanellos*, nem lhe será confiado o governo militar em caso de sitio. A Russia ficou aparentemente socegada, relativamente á eterna *questão dos estreitos*.

A cidade de Paris celebrou o 25.^o anniversario da fundação do *Instituto Pasteur*, pondo mais uma vez em foco esse grande bemfeitor da humanidade, cujos

descobrimientos fizeram uma completa revolução scientifica, sobre tudo no campo das fermentações, com innumerables applicações no fabrico dos vinhos, cervejas e vinagres e das correspondentes doenças, agora combatidas pela *pasteurização*, processo inventado pelo grande sabio. O seu nome ficou celebre pelas investigações sobre as doenças contagiosas, cujas theorias causaram verdadeira revolução na arte de curar, precisando o modo do contagio e, por conseguinte, estabelecendo a maneira de evitá-lo. Graças a essas descobertas, a cirurgia enriqueceu-se com os processos da *antisepsia* e *asepsia*, o isolamento dos enfermos, e pôde realizar operações que até essa epocha se consideravam mortaes.

Foi pelas suas theorias que a medicina consegue dominar a *diphtheria* e a *raiva* no homem, e o *carbunculo* nos animaes. A industria, como já vimos, teve em Pasteur, um preciosissimo collaborador, pois que os seus novos methodos de fermentação deram notavel impulso ao fabrico dos alcooes, cervejas, etc.

Facto curioso, mas que não é unico:— um homem—Pasteur—que não sendo medico, foi o maior dos therapeutas, e que, circumscripto aos seus trabalhos de laboratorio, transformou a industria e a agricultura do mundo inteiro.

D'elle disse *Huxley*, outro grande sabio:— *Não ha exaggero em affirmar que o valor pecuniario dos descobrimientos de Pasteur bastaria só por si para cobrir a indemnisação de guerra paga pela França.*

Este homem, cuja vida se desentranhou em nobilissimos feitos de que toda a Humanidade gosa, tinha—o que não é para espantar—formidaveis inimigos. *Pouchet*, *Foly*, *Peter* e, sobre todos, *Jules Guerin* combatiam-no ferozmente. Este ultimo dizia que Pasteur era um malfeitor a quem se deviam tirar os meios de fazer damno, e aos 80 annos mandou-lhe padrinhos, porque queria matá-lo.

Henry Rochefort, que passou a vida a brigar com toda a gente, menos com o *general Boulanger*, também arremetteu com Pasteur; e houve até um funcionario d'uma cidade populosa da França que fez um requerimento á respectiva camara para que se puzesse um freio aos *assassinatos scientificos d'aquelle homem.*

E' um facto largamente comprovado:— *a inveja, presentindo a gloria dos grandes homens, apressa-se em martyrizá-los, antes que logrem a sua fama.* Já *Swift* dizia:— *Quando apparece um genio, logo todos os pedantes se unem contra elle.*

Portugal, que se orgulha de ser uma das nações que primeiro admirou a grande obra do sabio Pasteur, cujo nome anda ligado a varios estabelecimentos officiaes e particulares, associa-se a mais esta homenagem áquelle grande genio, gloria immarcessivel, não só da França, mas do mundo e da civilisação.

Outra commemoração e também em honra de um francès:— *o centenario do fallecimento de Parmentier (17-12-1813), o vulgarizador da batata em França.* A festa realizou-se em *Neully* onde desde 1888 figura a estatua do celebre pharmaceutico, que vulgarmente era conhecido pelo *inventor da batata.* A verdade, porém, é que, segundo *Georges Gilbert*, na

sua esplendida *Histoire des légumes*, no capitulo *la Légende de Parmentier*, a batata era usada geralmente na maior parte das nações da Europa antes do nascimento de Parmentier.

Era conhecida em *Saxe* em 1680, cultivada em grande escala em 1716, na *Bohemia*, em 1728 na *Escocia*, em 1738 na *Prussia*, em 1770 na *Alsacia.* Estava sujeita ao dizimo desde a primeira metade do seculo xviii em diversos pontos da *Flandres* e da *Allemanha*; estendeu-se pelo este da França: *Franche-Comté*, *Ardennes*, *Bourgogne* e *Dauphine.*

Os espanhoes trouxeram-na do *Peru* em 1580; os ingleses *Thomas Hermit* e *Walter Raleigh* trouxeram-na de lá para Inglaterra. Espalhou-se pela *Galliza*, com o nome de *castaña marina.* Da Espanha passou á *Italia*, onde o nome peruviano de *pasas* foi substituido pelo nome vulgar da truffia, *taratouffy*, d'onde os allemães fizeram *kartoffel.*

Em 1585 um nuncio do Papa levou alguns tuberculos a *Philippe de Sivry*, governador do *Hainaut*, que por sua vez mandou alguns tuberculos a *Charles de l'Escluse*, celebre botanico que dirigia o jardim imperial de *Vienna.* *L'Escluse*, conhecido na sciencia pelo nome de *Clusius*, mandou fazer d'esses tuberculos um desenho colorido, que actualmente se conserva no celebre museu d'*Anvers*, na casa do grande impressor *Plantin Turgot*, o celebre ministro, quando em 1761 era intendente em *Limoges*, foi um grande propagandista da batata, que mandou cosinhar e servir na sua meza e distribuir pelos curas, a quem recommendava o seu emprego, bem como ás sociedades d'agricultura. Elle proprio, quando passava por qualquer logar, familiarizava-se com os camponeses, compartilhando das suas refeições e comendo batatas na sua presença, a fim de os convencer de que esse tuberculo não causava nenhum perigo á saude. Entre outros maleficios attribuiam-lhe... *a lepra!* Contavam-se milhares de casos de *febre* e *fraqueza* nos menos timoratos que se abalçavam a metter o dente na famosa *solanea.*

Foi *Antoine Parmentier*, nascido em *Montdidier*, na *Normandia*, quem conseguiu abolir todos esses preconceitos. Orphão de pae, de tenra idade, viu-se obrigado, como sendo o mais velho dos irmãos, a entrar numa pharmacia como praticante aos 18 annos. Um anno depois, rebenta a guerra dos sete annos (1756 a 1763), e Parmentier vae aggregado aos officiaes medicos em serviço no *Hanover.* Aproveita a occasião de estar na *Allemanha* para estudar medicina em *Francfort*, sob a direcção do famoso physico *Meyer.* Ali appreciou as qualidades nutritivas da batata, já bem conhecida na *Allemanha.*

Em 1773 publicou o *Examen chymique des pommes de terre*, onde indica diversos processos para fazer pão com o amido d'esses tuberculos já usados no fabrico dos *biscoitos de Saboya*, confirmando assim as tentativas feitas em 1761 por *Hirzel* e *Faiguet* e *Malouin* que haviam apresentado á Academia das Sciencias um pão de batata.

A *Academia de Besançon* concedeu-lhe um premio á memoria que elle lhe apresentou quando, por occasião da fome de 1769-1770, se abriu um concurso para *indicar os vegetaes que possam substituir em caso de escassez aquelles que geralmente se*

empregam. Estava decidida a carreira de Parmentier. A partir d'esse momento consagrou-se de corpo e alma á propaganda da batata, em que conseguiu interessar o proprio rei.

Deram-lhe 50 geiras de terreno na planicie de *Sablons* para cultivar a sua planta favorita, empregando varios artificios para excitar a pilhagem dos tuberculos, bem guardados de dia, e, durante a noite, expostos á natural rapina. Fructo prohibido.

O triumpho de Parmentier chegou quando este pôde offerecer a Luis XVI um raminho de flôres de batateira, que o monarcha não hesitou em pôr na lapella. Os cortezãos e os aristocratas disputam as flôres por alto preço. O nome de Parmentier sóa por toda a parte. Multiplicam-se os pratos confeccionados com o já famoso tuberculo, que hoje é o regalo do mundo. Ha livros consagrados sómente á sua preparação. Lembramo-nos d'um com 100 receitas para cosinhar batatas.

Para terminar, contemos um episodio interessante que ha tempos vimos num jornal:

Quando Parmentier entregou ao rei as primeiras plantas colhidas em *Sablons*, Luis XVI, para convencer os cortezãos, convidou-os para um jantar em que se deviam servir os novos manjares. Mas o chefe da cosinha, teve a peregrina ideia de mandar preparar, em vez dos tuberculos, os *fructos da planta.* Os convivas, não obstante o ardente desejo de serem agradaveis ao seu amphitryão, acharam o prato detestavel, a despeito da adjuncção de toda a especie de condimentos, e juraram nunca mais tornar a comer semelhante peste.

O rei, como é natural, ficou muito desapontado. Algum tempo depois do banquete, passando no parque de *Versailles*, viu um jardideiro que cuidadosamente atiçava um lume sobre o qual se cosiam os bellos tuberculos. O monarcha esmagou com o pé alguns d'elles e ficou admirado ao vêr sabir uma especie de farinha amarella. O jardineiro informou-o então que a parte comestivel da nova planta era, não o fructo, como succede com o tomate, mas sim os tuberculos ligados á raiz. Seguiu-se, é claro, novo banquete com os antigos convivas, que então se convenceram das qualidades deliciosas da batata, fazendo justiça a Parmentier, que lhe descobriu as propriedades nutritivas.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Museu da Misericordia de Lisboa

Os estrangeiros que visitavam antigamente a sumptuosa capella de S. João Baptista da igreja de S. Roque e admiravam a belleza d'aquelle conjunto de artisticos primores, mais deslumbrados ficariam se lhes fosse dado contemplar a profusão de objectos d'arte, consagrados ao culto, que se arrecadavam nos corroidos e decrepitos armarios do templo.

Foi o actual e dedicado provedor, o sr. Antonio Augusto Pereira de Miranda, inspirado pelo grande amor que professa ás preciosidades confiadas á guarda do estabelecimento, com tanta supereminencia por s. ex.º administrado, que teve a feliz idéa de reunir os valiosos artefactos destinados ao culto, da soberba capella, n'um pequeno, mas apreciavel museu, em presença do qual, o visitante, depois de admirar a capella, poderá julgar da sumptuosidade e opulencia que presidiu aquella obra verdadeiramente mo-

numental. Só o tapete persa que está revestindo a parede da primeira sala, se considera no valor estimativo, superior a 30 contos de réis.

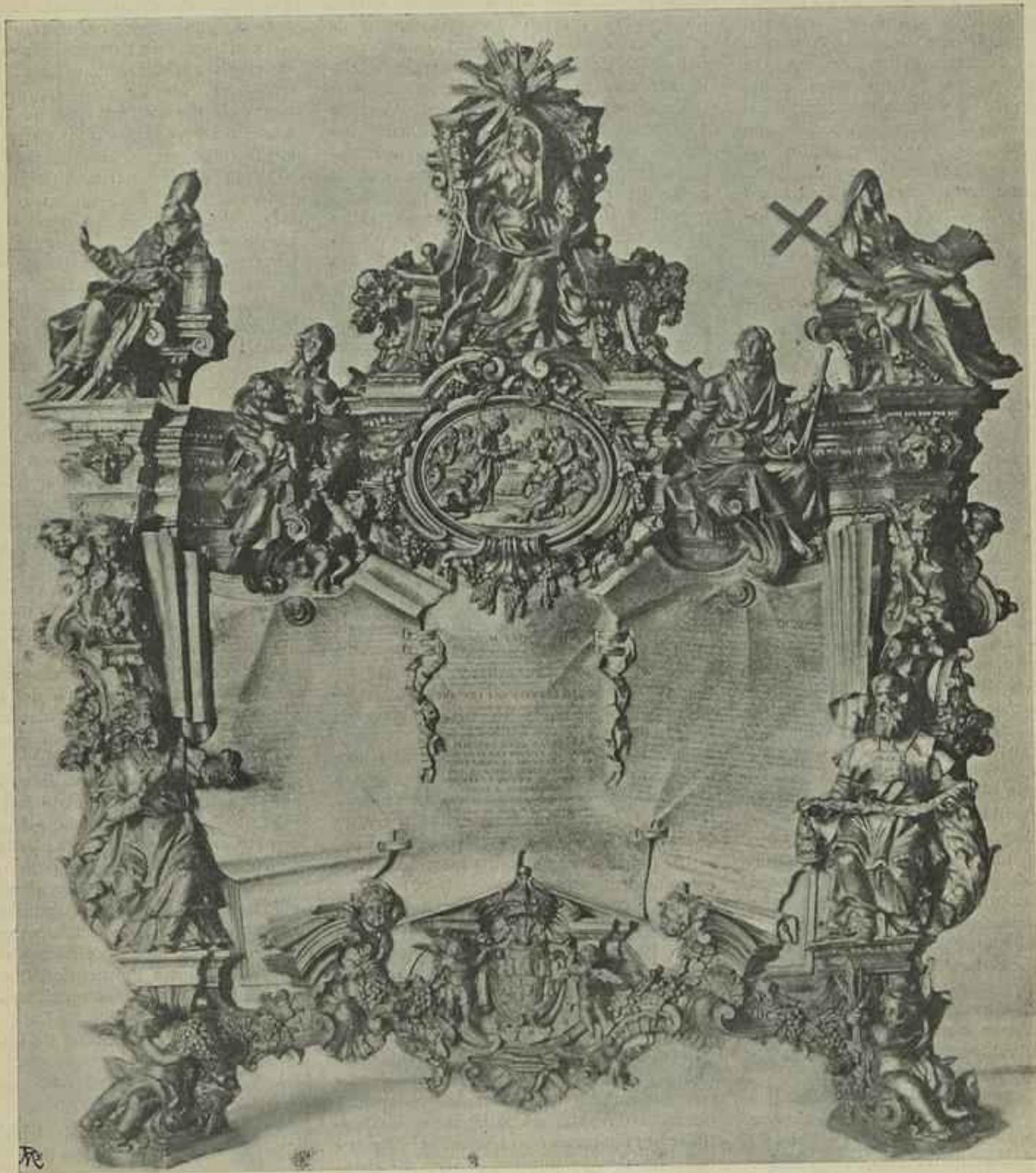
Depois, os grandiosos tocheiros de prata dourada, pesando 800 kilos cada um e do mais delicado lavor, os enormes castiçais de altar, as lampadas e candelabros, no mesmo estylo e

O estabelecimento dos postos medicos em diferentes pontos da cidade que tão bons auxilios tem prestado ás classes pobres, o recolhimento do amparo onde os velhos albergados tão carinhosamente são tratados; a reforma do ensino ás orphãs no recolhimento de S. Pedro de Alcantara, habilitando-as a exercer de futuro as

atenção do publico que presa a honestidade e extraordinaria competencia dos que dirigem com o maior criterio e maxima solitudine, os estabelecimentos de caridade publica do paiz.

FRANCISCO SERRA.

Museu da Misericordia de Lisboa



SACRA GRANDE DE PRATA DOURADA DA CAPELA DE S. JOÃO BATISTA,
POR ANTONIO VENETTI — Mede 0,259 de altura por 0,53 de largura com o peso de 12:690 gramas

apuro, as bellas custodias, calices, cofres, e sobretudo, a finura das riquissimas rendas e paramentos, caprichosamente bordados a ouro, assim como os pannos com os emblemas da paixão, frontaes e famosos brocados.

Graças a essa louvavel iniciativa, ficará agora perfectamente saciada a curiosidade do amador a quem a noticia de taes preciosidades ali atrair.

Da sua conservação está encarregado o sr. Francisco Ribeiro da Cunha, que lhes consagra os mais cuidadosos desvellos. Não é porém, só n'este ponto, que o illustre provedor tem assignado a superioridade do seu louvavel zelo e benéfica administração.

funções de institutrices que muitas familias abastadas mandavam vir da Allemanha, França e Inglaterra; a casa para estação balnear, proporcionando ás educandas um bom regimen de hygiene; o premio moralizador aos bem casados; o bello pantheon no estylo manuelino, no cemiterio oriental, destinado a recolher, em testemunho de reconhecimento, as cinsas dos benemeritos que deixam importantes legados á Misericordia; a economia revellada no revestimento em azulejos de todo o edificio e dos predios contiguos que lhe pertencem, evitando importantes dispendios, todas as vezes que a postura obriga a caiações e pinturas, são actos de tal importancia, que não podemos deixar de recordar com louvor, á

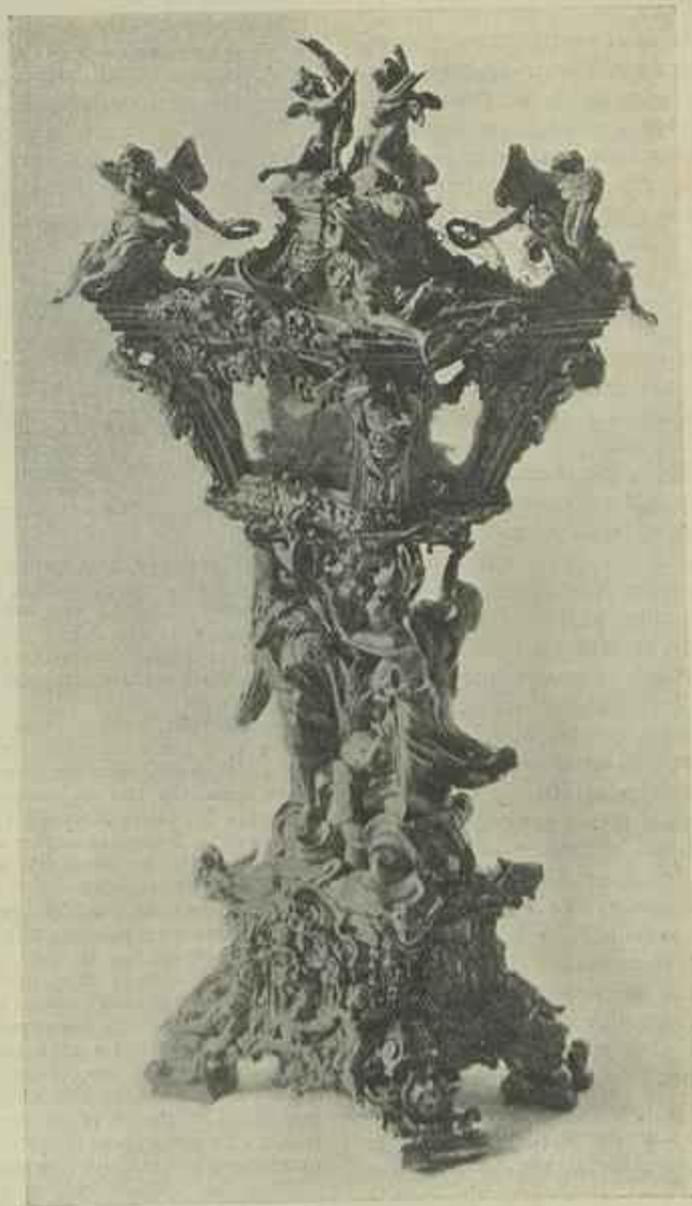
DOCE VISÃO

O jantar passára-se taciturno e veloz e sem que ao menos um dito jovial viesse desannuiar a imaginação dos dois esposos.

Embora tributando-se por igual um amor e uma dedicação sem limites, sentiam o lar domestico desahitado, frio, insuportavel...

Alvaro e Tália, sentados agora em duas

Museu da Misericórdia de Lisboa



CALICE DE PRATA DOURADA, POR TOMASSO PULITI — Altura 1^m,09, peso 41:750 gramas
 — RELICARIO DE PRATA DOURADA, POR CARLO CUARNIERI — Altura 0^m,86, peso 35:830 gramas



CALICE. Altura 0^m,29, peso 1:600 gramas — GALHETAS COM PRATO. Altura 0^m,27, peso 1:890 gramas — CAIXA DE HOSTIAS. Diâmetro 0^m,09, peso 480 gramas — PURIFICADOR. Altura 0^m,10, diâmetro 0^m,17, peso 1:140 gramas — VASO DE CONUNHÃO. Altura 0^m,34, peso 2:500 gramas. Estas peças são todas de prata dourada, e obra de Antonio Cigli.

poltronas muito proximas, olhavam dis-
traidamente as janelas fronteiras, fustiga-
das impertinentemente pela chuva aborre-
cedora de Dezembro. Dir-se-ia que a pro-
pria neve que por sobre a cidade caia
desde que anoitecra se conjugava de boa-
mente para que a naturêsa, de si já lugu-
bre e quasi funéria, mais aumentasse o
sofrimento intimo d'esses dois corações...

Durante o repasto da tarde apenas ha-
viam trocado frases banaes, por entre bocei-
jos mal reprimidos, e sentiam por isso
certa satisfação em poder construir nas
alturas formosos castelos de fadas, rechea-
dos de mil e uma creanças, todas lindas
como querubins e acenando-lhes — que
viesses, que viesses.

Todavia, Tália, mais fantasista que o
marido, levava a sua visão mais longe, ao
ponto de se julgar com uma creancinha
ao colo, aquela mesmo que, havia mêses,
perdêra amarguradamente.

Começaram então a desenhar-se com
toda a nitidês, no espirito da desventurada
Tália, as luarentas noites em que, com o
filhito ao colo, de palpebras meio cerradas,
passeava no longo corredor até que ele
adormecesse. Depois, com um prazer so-
brehumano, despiu-o muito de mansinho
e não podia deital-o no berço sem que
lhe desse ainda um ultimo e prolongado
beijo. E assim, transportada nas azas ten-
tadoras da Fantasia, Tália encontrava-se
de novo com o seu querido filho, a quem,
havia tanto, não osculava.

Compreendia perfeitamente a linguagem
mimica da creança que, choramingando,
pedia a transportassem para casa, pois
n'essa tão lembrada noite tambem dese-
java pôr o seu sapato á cabeceira do pe-
quenino leito onde dormia. Queria des-
pertar no dia seguinte e ver-se rodeado
de brinquedos, de bombons, de bone-
cos...

A imaginação da amavel Tália exta-
siava-se com este soberbo espetáculo e,
inconscientemente, balbuciou:

— Sim, meu filho, o Menino Jesus lem-
bra-se sempre dos seus amiguinho.s.. Não
se esquecerá de ti, confia...

Alvaro, que até aí revolvêra na mente
uma infinidade de pensamentos mas todos
convergindo a um unico ponto, interveio
de subito:

— O quê? Tambem tu!...

Tália estremeceu horrorizada. Ela, que
via o berço, que devorava o filho com in-
findaveis beijos e caricias, instantanea-
mente e sem compaixão acordada para a
verdade, para a triste realidade!

Bem sabia ela que sonhava, que tudo
aquilo não passava d'uma quimera, mas
uma quimera que lhe agradava sobrema-
neira, que a deixava refeita de goso...

Se era certo que havia perdido para
sempre o fruto estremecido do seu enlace,
se não mais o poderia oscular com o beijo
santo de Mãe, porque não havia Tália de
amar aquela deliciosa visão, n'essa noite
consagrada puramente á familia, ás tradi-
cionaes consoadas?...

Infelizmente para ela, sentia-se só com
o marido, talvez ainda mais contrito e des-
alentado.

Para o confortar respondeu-lhe final-
mente:

— Sim, pensava n'ele, no nosso filho;
e tu?

— Eu... tambem...

E sem proferirem palavra, os dois es-

posos estreitaram-se, chorando, em afé-
tuoso abraço.

.....
A chuva continuou a cair ininterrupta-
mente e em cada casal, n'essa invernosca
noite de Dezembro, a alegria e a reinação
só findaram com o cantar dos galos. Ape-
nas em casa de Tália o ruido do vento
logrou fazer-se notar.

Lisboa, Dezembro de 1913.

JACINTO CARREIRO.

PELOS TEATROS

Republica

Representou-se, por noites seguidas, com su-
cesso, a linda e encantadora peça de Flers e de
Caillavet — *Papá*. Ligeira nos seus intuitos, gra-
ciosa nas suas situações, feita para agrado de
publico frivolo — a assistencia habitual, elegante,
distinta, do Teatro da Republica, aplaudiu-a sem
reservas.

Sem duvida, conhecem-na já, os nossos leitô-
res, e por certo se recordam da interpretação,
cheia de graça, sem exageros, com proporção
exata, que dela fizeram, neste mesmo teatro, Hu-
guenet e Madame Marcelle Geniat. O entrecho
esboça-se a leves traços; e somente para fixar
reminiscencias de situações aqui podemos des-
crevê-lo sumariamente.

João Bernardo é um pobre diabo, mas diabo
feliz e mancebo robusto, filho engeitado da fa-
milia e convenções sociaes, que vive, relegado
para um recanto remansoso da provincia. Trata
do amanho dos seus campos e faz suas frequen-
tes monterias á caça dos arredôres. Amimado da
simpatia dos varões e amôr recolhido das moço-
ilas da região — o moço come com appetite e não
digere mal, trabalha sem cansaço e dorme com
repoiso. Entanto, o olhar de Georgina Coursan
começa de preocupar, insolitamente, num encan-
tamento, o seu espirito desprevenido...

Belo dia, João Bernardo recebe noticias do
pae — um *papá* desconhecido, que por certo, na
ultima quadra da vida, já sente as primeiras
guinadas no figado ou na face os primeiros ca-
lôres diabeticos ou sombras mensageiras de re-
morço na sua consciencia de libertino. *Papá* —
o conde de Larzac — passeia a velhice maquilha-

da por Paris — e eis que João Bernardo se mete
a caminho, de longada, até Paris. Ai que bonito
palacete, suntuoso e fascinante, bordado a ouro
de decorações rococós, cheio de bugigangas
parvas e flôres nostalgicas, que o *papá* possuie...

Bonito... Maravilhoso...
Ai que lindas mulheres, bem vestidas e bem
pintadas, que o *papá* conde cumprimenta e en-
laça sem pejo...

Lindo... Extraordinario...
E o pobresinho ingenuo de João Bernardo
arregala os olhos de revés e de espanto, para
tudo, derredôr. O nobre conde de Larzac reco-
nhece, com solenidade, por escritura registada,
a seu filho abandonado. E João Bernardo, en-
contra-se, improvisadamente, de galgão, fidalgo
e rico. Triste, muito triste! E o mocinho, rustico
e sadio. Tão feliz na sua despreocupação satisfeita
de outros dias, sente-se achacado naquele am-
biente venenoso. A autoridade paternal intimi-
da-o. A sua propria *gaucherie* perturba-o. Num
momento de inspiração tenta fugir — e foge, sem
máguia nem remorsos, irresistivelmente — foge
áquela atmosfera de asfixia, áquelas madamas
desvergonhadas, roidas de morbos secretos e
manhas más. Mas, antes de mais nada, cumpre
dizer, que João Bernardo já tinha afirmado ao
pae o proposito firme de casar com Georgina
Coursan — ao que o pae firmemente se opusera,
pois bem reconhecera que essa gentil menina,
sem embargo de sua elegancia e mais dotes, era
filha do mais descaroadado e cinico dos cavalhei-
ros-de-industria, que, para felicidade de familias,
tinha já morrido, longe, num exilio de miseria e
bambochata.

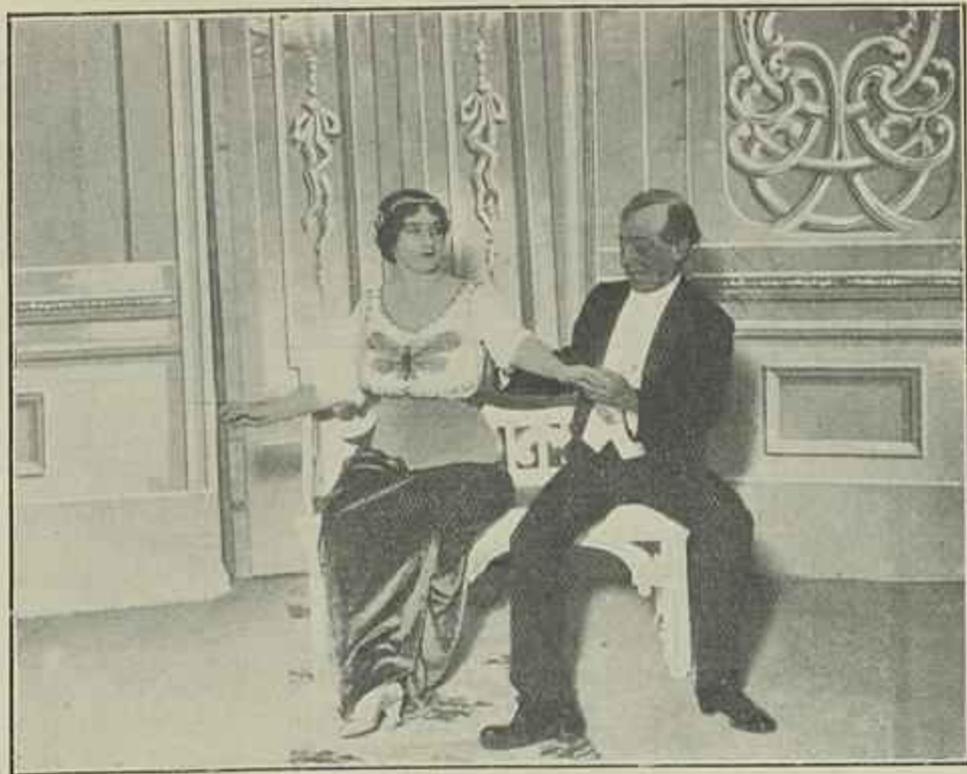
A proposito de scena, chega, de subito, ines-
peradamente, Georgina Coursan ao palacio de
Larzac, que a recebe, de principio, com descon-
fiança e despeito mal reprimido. Ao depois, a
pouco e pouco, a alma do conde — como são
feitas as coisas de Deus e as almas dos velhos
libidinosos! — deixa-se cativar da presença e parla
de Georgina Coursan. E é já agora o Conde
de Larzac que intenta e quer casar Georgina
com João — porque deseja, junto de si, na sua
ambiencia desolada, corpo e alma daquela me-
nina bem falante e gentilissima. Terceiro-acto.
Lar de João Bernardo. O conde revela, a propo-
sito, os seus habitos de frivolidade e suntuosida-
de; — adorna, a capricho, o melhor que pôde,
aquele interior rustico e comodo de casa-de-campo.
O casamento retarda-se. Mais e mais, o co-
ração gelado do conde se amolece na conviven-
cia daquele demonio gentil de rapariga. Mais e
mais, a vaidade da rapariga se deixa tomar dos
galanteios e maneiras fidalgas e sabidas do no-
bre conde de Larzac! Afinal... Afinal, é o pro-
prio filho — João Bernardo — que, depois de lu-
tar intenso e rapido, renuncia ao seu amôr e im-



Brazão

Leonor Faria

Carlos d'Oliveira



Palmira Bastos José Ricardo
TEATRO D'AVENIDA — «MARIPOS ALLEGRES»

pele papá Lartac e noiva Coursan a um abraço estreitíssimo de himineu. João Bernardo — pobre diabo — será feliz ainda — creiam no... Ele assim nob-o afirma — e nós não temos o direito de duvidar, tanto menos que o pano cae e não seremos nós — espectadores distantes — que hemos de fazer a verificação. Bernardo vai noivar com a filha do seu caseiro — menina Joana Aubrin que — lhe dará muitos filhos e enganar-o-ha menos vezes.

Desta vez, a representação foi comoda. Gastos, com presteza, certos atritos — deslisou, sem dificuldades, nem surpresas, regularmente.

Avenida

Deslisa, noite a noite, com successo, pelo palco do teatro Avenida, a deliciosa opereta em 3 actos, *Maripos Alegres*. Banal de intuitos, futil de situações, a sua musica, leve, graciosa, bem instrumentada, compensa, de sobejo, as deficiencias de interesse que a forma literaria nos possa merecer.

Mise-en scene é magnifica. Mas, sobretudo, cumpre-nos exaltar a interpretação, na verdade, excelente, que dela fizeram os grandes artistas, José Ricardo, Palmira Bastos e Etelvina Serra.

José Ricardo, fleugmatico, irresistivel de graça, desarma, de rompante, a intenção que mais seriamente persista em achar trivial, sparvoada, insulsa, esta peça chapada, dia a dia, nos cartazes, em successo de sensação.

Palmira Bastos dá frescura e certa galanteria de requinte — qualidades que sem a sua coadjuvação, a opereta não possuiria.

Voz bem timbrada, graduada graciosamente — Palmira Bastos levanta de entusiasmo as plateias quando entôa a musica simples e bela da «Canção da montanha».

Etelvina Serra encanta pela viveza, alegria esfusante e movimentação habil que imprime no seu papel.

Amarante esforça se por ter graça e por vezes de onde donde, tem-na indubitavelmente. Ao menos, o povinho miúdo das galerias assim o confirma, por certo.



Phenicia e Iberia

(Concluido do n.º 1259)

Já dissemos, que a onomastica do littoral hispano-mediterraneo e atlantico é plena de nomes derivados, ou antes corrompidos, das antigas cognominações phenicias.

Um erudito anonymo, que escrevia, nos principios do seculo passado, sobre origens phenicio-hispanicas, diz:

«*Tyrio*, y despues *Turia*, se llamó el Guadalete, que desde Aragon corre á fertilisar el reyno de Valencia; *Tyrsis* fué el nombre, si no de la misma ciudad de Valencia, á lo ménos de alguma otra no distante de la embocadura de aquel rio; *Tyrrulium* ó *Turulum* todavia muy conforme al nombre de *Teruel*, ciudad del reyno de Aragon.»

Brochart diz, quanto á toponymia da nossa terra portugueza, em materia de origens phenicias, que os nomes dos rios Ana (Guadiana) e Tagus (Tejo) derivam do phenicio, vindo este de *dagi* (piscoso) e aquelle de *ana* (ovelha), e que Olisippo (Lisboa) vem de *alissubbo* (bahia amena), bem como *Luzitania* de *luz* ou *luzi* (amendoas, ou cheia de amendoeiras).»

Assim, é autenticamente historico, de

genuina verificação, que os phenicios não só tiveram demoradas relações de commercio com os habitantes remotos da península iberica, a abranger o assento do nosso querido Portugal, mas tambem perduraram a sua passagem de maneira indelevel.

A obra deveras monumental, *Notas sobre Portugal*, volume 1.º, regista pela pena de Fonseca Cardoso e com a rubrica *Anthropologia Portuguesa*, este curioso paragrafo, subordinado ao titulo «*Raça semita-phenicia*. — Das observações que ultimamente fiz na população piscatoria do littoral interduranense, notei ainda um typo de raça, muito moreno, de olhos escuros e cabelo preto, de estatura mediana, cabeça dolichoide, notavelmente ampla no diametro biparietal, rosto alongado e escoando-se pelos zygomas, pouco accusados, até ao mento saliente, de forma a dar á face um aspecto triangular com o vertice para baixo; o nariz é aquilino, adunco, continuando a linha do seu dorso proeminente com a da frente com fraquissimo resalto glabellar; os olhos são grandes, rasgados em amendoa. Este typo, que identifico com o phenicio, fundamentandome nos trabalhos de Bertholon e Chantre sobre os cranios phenicios de Carthago e Sidon, exerceu principalmente a sua influencia na gente maritima da costa, onde habitou como colonizador, não me parecendo que essa influencia se exercesse no interior do país.»

No volume 2.º da mesma obra, a proposito da ourivezaria portugueza, o distinctissimo archeologo Joaquim de Vasconcellos assevera o seguinte:

«Até aqui localizavam os archeologos as colonias phenicias da Península Iberica exclusivamente nas linhas da costa. George Bonsor provou que os phenicios percorreram toda a Betica, penetrando-a em todas as direcções.»

E, poucas paginas adiante:

«Phenicios, Gregos, Romanos, Carthaginezes, emfim, os povos invasores do norte, todos trabalhando sem descanso,



REGRESSO D'ANGRA DO HEROISMO DOS IMPLICADOS NO MOVIMENTO POLITICO DE 27 DE ABRIL.— Desembarque na Trafaria dos snrs. General Guedes e Capitão Lima Dias, acompanhados do Tenente Moura director do Presidio.

não conseguiram exgotar as riquezas do sub-solo ibérico.»

A taes riquezas ele deveu o desenvolvimento do espirito de cobiça que trouxe aqui verdadeiras multidões insaciáveis; e em contacto com tantas e tão diversas características por força houve sérias modificações no feitiço moral da gente peninsular.

O quanto haverá contribuido em nós o elemento phenicio para as empresas navegadoras que o Camões immortalisou em versos sublimes?!

E em quanto não utilisou o elemento peninsular, com braço forte, aquele Anibal cartaginez, que iniciou da Iberia a terrível marcha ovante, coroada em Canas pela derrota monumental dos romanos, que estiveram a ponto de não mais se levantarem?!

Assemte está por provas documentativas que á Phenicia devemos recordações do passado, que o tempo não apagou nem apagará.

Pelo contrario, da Archeologia é licito esperar muitas conquistas n'esse campo e numerosos testemunhos confirmatorios.

Quanto mais vastas fõrem as suas galerias, autenticadas, melhor se acentuarão a cada povo e a cada raça as preclaras estimativas e a rigorosa periferia das incidencias enegicas.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

AS FADAS

(De Germana Girard)

Mauricio e Joanna haviam-se deitado muito tarde. Tinham-lhes contado historias maravilhosas, em que as fadas vinham visitar os filhos dos homens para os encher de presentes. Não podiam adormecer e Joanna era em vão que esperava que uma formosa mulher entrasse pelo quarto dentro e que, tomando-lhe a mão, a levasse consigo.

«Quando a lua dança no fundo do céu, as fadas vão dançar no relvado.» Mas pela janella via, por entre nuvens, a grande lua immovel, pois as fadas não estavam lá. De tempos a tempos abria os olhos, mas nada via ainda. Tudo se conservava quieto.

Ao meio da noite, Mauricio veio ao pé da cama d'ella e acordou-a:

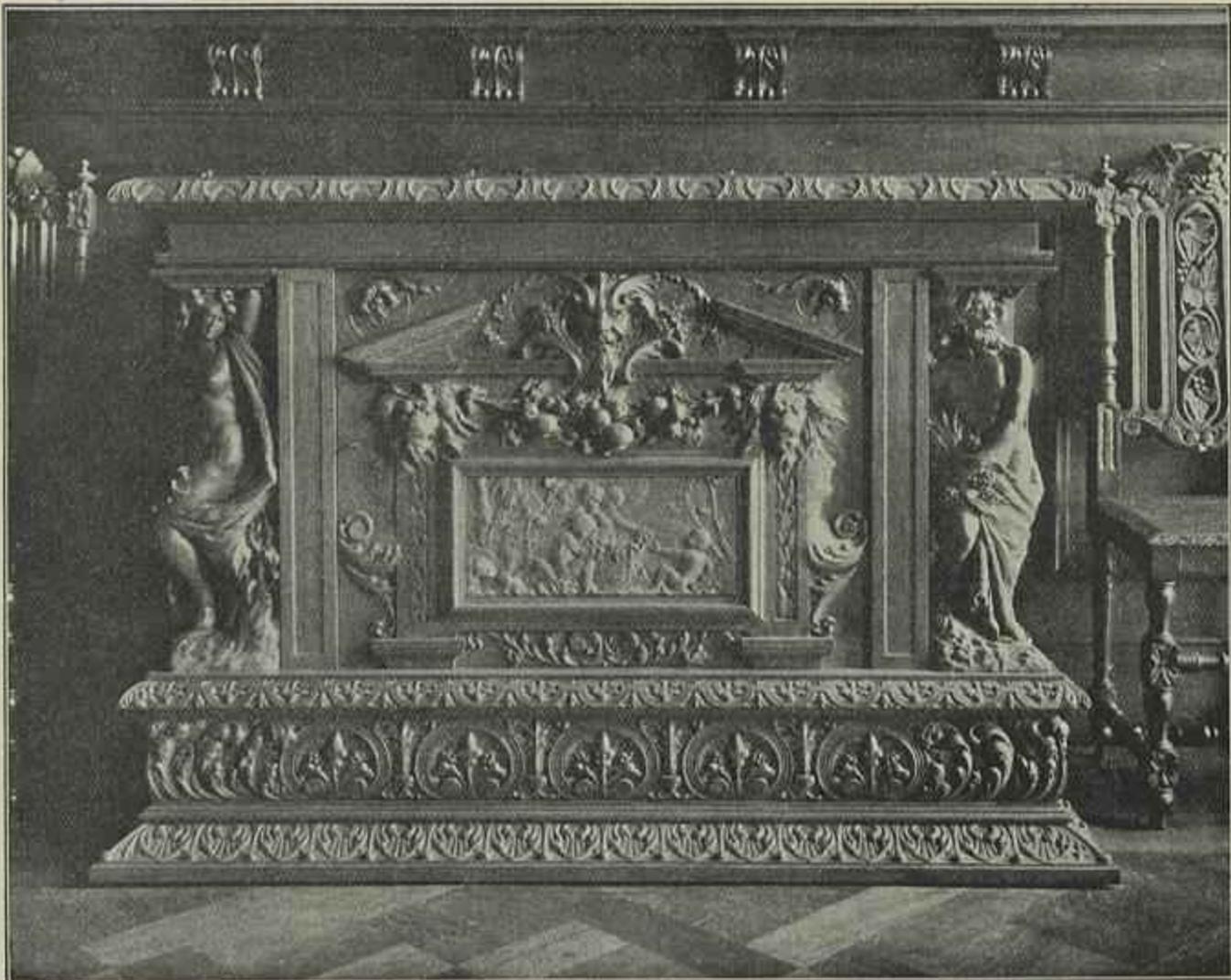
— Joanna, levanta-te, porque a lua dança no fundo do céu, e, esta noite, as fadas devem tambem dançar na relva.

Joanna abriu os olhos entorpecidos pelo somno, viu a lua no céu, que salta, que salta como uma pella. Então levanta-se e veste-se sem fazer bulha. Parece-lhe muito natural que as fadas viessem visitá-los, visto que n'outros tempos, e frequentemente, appareceram a creanças menos intelligentes e menos bonitas. Decerto executariam todos os seus desejos e dar-lhes-hia lindos brinquedos.

Estão ambos promptos, e, de mãos dadas, descem ascura escada, tomando cuidado para não fazerem bulha; a porta range terrivelmente. Receiam ser surpreendidos. Joanna queria voltar para traz, porque o vento soprava com certa força e a sua cama estava quente. Mauricio retém-n'a; apuraram o ouvido. Não vem ninguém. Todos dormem. A porta está aberta. Estão fóra de casa. A lua brilha e salta sempre, e, sobre a relva, mulheres muito formosas dançam vagarosamente, sem ruido, como sombras chinezas. Apurando bem o ouvido, pôde ouvir-se uma longinqua musica que as acompanha. Mauricio e Joanna aproximam-se d'ellas para melhor as vêr. Estão vestidas como princezas, têm as mãos cheias de anneis e o seu cabello louro replecto de pentes d'ouro.

Joanna reconhece as que são fadas e mostra-as a Mauricio. Parecem guiar as outras. Todas empunham uma varinha comprida e delgada. A's vezes tocam uma flôr de veludo. E de todas as vezes essas flôres transformam-se em donzellas de olhos negros e cabellos louros, que se juntam ás outras dançarinas.

Assim, Joanna e Mauricio descobrem que são todas as flôres do jardim metamorphoseadas em louras princezas que dançam no relvado. E essas pequenas princezas giram, giram sempre em volta das fadas que as dirigem. Sentem-se muito alegres por viver. Mauricio e Joanna contemplan. A lua. A lua passeia sobre esto-



MOVEL ARTISTICO PERTENCENTE AO SR. DR. LEOPOLDO MORÃO

Tres artistas portuenses concorreram para produzir este belo movel cujo possuidor é o sr. dr. Leopoldo Morão. O illustre arquiteto sr. Marques da Silva fez o projeto; o distinto esculptor sr. Gonçalves da Silva, modelou os ornatos decorativos; e o habil entalhador sr. Antonio Dias dos Santos executou todo o trabalho de talha com rara perfeição, de que resultou esta bela obra, que tanto honra os seus autores como quem a adquiriu, que assim deu tão raro exemplo de estímulo para os progressos do mobiliario artistico no nosso paiz.

fos maravilhosos. E' um espectáculo infinitamente bello. Mas eis que uma das princezas empallidece. Torna-se mais pallida e mais fragil. Cae; Joanna corre para ella, mas afinal só encontra um monte de folhas sêccas e murchas. Simplesmente, uma das fadas toca com a sua varinha uma roseira immovel; esta torna-se n'uma mulher mais formosa do que as outras, e vae tomar o logar vago na roda.

Ora, aqui apparece a Rainha das Fadas que vigiava a roda e que, vendo chorar Joanna em cima das folhas sêccas, acha-a bonita e toca-lhe com a varinha. Assim, ella se tornou, por sua vez, uma princeza loura e silenciosa que dançava á luz do luar; dos hombros pendia-lhe um manto de pedras preciosas e tinha os pés calçados em sapatos de diamantes. Mauricio correu para ella, chamando pela irman com voz desolada. Mas esta não o ouvia e girava sempre. Girava, girava, até que, fatigada, caiu como as outras.

E Mauricio só encontrou sob os seus dedos um farrapo do manto onde se encontram algumas petalas sêccas. Então chora ainda e supplica ás fadas que não ouvem, pois continuam a dançar. No entanto, a rainha, que é mais terna e mais formosa, toma-o nos braços e emballa-o para o consolar. E a sua voz é tão acariadora, o seu vestuario tão bonito e a sua physionomia tão tranquillã, que Mauricio já não chora. A Rainha das Fadas beija-o e promete-lhe que Joanna tornará a si, porque as fadas são bondosas.

Amanhece. A Rainha faz um signal. Todas as flôres do jardim transformadas em princezas desapareceram. As fadas desvanecem-se no nevoeiro. Mauricio e Joanna encontram-se no seu quarto, aterrados ainda. E nunca referirão a pessoa alguma a sua aventura.

(Trad.)
XX-XII-CHXIII.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.



ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre autorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sácarém))

Primeira parte

VIII

UM DESERTOR DA GLORIA

— Aqui haverá ladrões de amizade ou de amor? perguntou a sr.^a Laurais.

— Aqui mesmo os ha, sr.^a Laurais.

— Vamos ás provas.

— Repare V. Ex.^a como os pares estam formados. Cada um da-me a illusão que deixaram os antigos amigos para se dedicarem ás relações modernas. Olhe o general e Steinbaum, ha oito dias não se conheciam, foi isto devido á sr.^a Cozan; Destalbert, que faz por acariciar a mão da artista, duas horas de musica bastaram para a cristitisação, como diria Stendhal. A sr.^a Rudennis é a madrinha d'esta sympatia. Curiosidades do coração! Elle não conhecia a sr.^a Cozan e a

sr. Condessa é para elle um jardim familiar.

— Um jardim! protestou Rudennis.

— Sim, por causa das flôres, disse Lescourias.

Lescourias não podia soffrer que a musica de Fombreuse fosse sempre a preferida.

— Quer ver mais exemplos? Lá estam ao canto da sala a menina Carbranches com Fombreuse. Não estarão a esboçar um romance de ternura? Naturalmente Anna le Cozan, esta coitada, foi a ponte por onde passou o amor...

Anna sentiu-se perturbada, recebendo a phrase em pleno coração, mas com uma força de vontade extraordinaria, continuou a sorrir-se para Destalbert. A phrase de Lescourias fôra um canto funebre para a sua alma.

Lescourias continuou dizendo:

— Fui o ultimo a chegar a esta captivante sociedade, devido a Fombreuse que me deu a honra de conhecer a sr.^a Rudennis, não serei já o favorito?

— Então, sr. Lescourias, não ha duvida que todos se riem do vosso espirito, mas não acha isso um bocadinho de ridiculo?

— *In cauda venenum*, disse Lescourias com riso branco.

— Para as senhoras que apenas sabem o latim dos livros de missa, quer isso dizer...

— E que não o comprehendem... acabou Lescourias.

— Insolente!

— Sr.^a condessa, disse um convidado que tinha os labios vermelhos como a côr do colete, a traducção é que toda a bebida tem sempre um gôsto amargo... traducção livre!

— Mas honesta! concluiu Lescourias...

Destalbert insistia para que Anna Le Cozan cantasse uma aria de Mozart.

— Cantarei uma aria das *Bodas de Figaro*, quer?

— Da melhor vontade, aquellas arias do admiravel canto d'amor... em italiano, não é verdade? Eu acompanho.

Eu acompanho, phrase que correu por toda a sala. Destalbert, que desde a sua chegada, se recusara a tocar, a sua repentina resolução foi uma surpresa para todos.

A condessa de Rudennis olhou para todos os seus convidados e no olhar via-se bem que ella dizia: «que bella ideia!»

Anna Le Cozan tinha dado ordem a um criado de ir buscar a partitura ao seu quarto. Todavia, Destalbert ia conversando:

— Ah! a obra de Mozart, bella musica de Cherubim, edade de luz e de graça, é a musica sublime!

Ao chegar a partitura, Destalbert poz-se ao piano e preludiou os primeiros compassos. A voz de Anna ia-se harmonizando ás primeiras palavras do recitativo:

*Giunse al fin il momento
Che godro seuzza affano,
In brachio all'idol mio!*

Destalbert, no piano, ia traduzindo todo o pensamento mozartino, e a cantora com a sua voz de ouro fazia nascer a melodia cheia de frescura.

Steinbaum pensava: «Como ella ama e como soffre! A visão da felicidade foi uma alma de dôr!»

Apoz uns curtos minutos depois da artista ter terminado, a condessa Rudennis foi ter com o pianista e disse:

— Agora, não deixará o piano sem nos tocar qualquer coisa, uma *sonata* de Beethoven, um trecho, au menos.

— Sr.^a condessa, a minha resolução está tomada.

— Mas em minha casa não é tocar em publico.

— Repare V. Ex.^a para a sua sala, ha concertos menos concorridos... toco para mim...

(Continúa.)



NECROLOGIA

Dr. Jaime Mauperrin Santos

Alanceou-nos, de surpresa, a dolorosissima noticia do falecimento do dr. Jaime Mauperrin Santos.

Assim, prematuramente desapareceu da nossa convivencia, esse homem bom e honesto, de larga cultura intelectual e forte disciplina de vontade, rijamente arcaboçado para empresas arrojadas.

Nascido em 13 de Junho de 1857, contava, pois, somente 56 annos de idade. Formado em filosofia e medicina pela Universidade de Coimbra, lente do Instituto Superior de Comercio, medico dos hospitaes civis — assumiu com proficiencia incontestavel a direcção da *Escola Academica*, em 1891, anno em que faleceu seu pae, Antonio



DR. JAIME MAUPERRIN SANTOS

Florencio dos Santos, fundadôr-proprietario desse magnifico estabelecimento de ensino e educação.

Quantos lêrem o nome d'este grande vulto de educador moderno, que para desventura nossa já não existe, adivinham a dolorosa impressão com que traçamos estas linhas em homenagem ás extraordinarias qualidades de carater, coração e sabêr d'este infatigavel trabalhador independente e exemplarissimo e distinto diretor da *Escola Academica*.

O dr. Jaime Mauperrin Santos conseguiu pelo seu esforço admiravel, senso pedagogico maravilhoso, sabêr profundo e modesto, afetuosidade energica e carater terno, fazer da sua querida *Escola Academica* um estabelecimento de ensino e educação, em tudo modelar, collocando-o ao lado dos melhores collegios de qualquer progressiva nação estrangeira.

Era por todos querido e admirado desde o corpo docente e mais pessoal da escola até aos alunos em cada um dos quaes tinha um verdadeiro amigo que escutava os conselhos do grande Mestre com um respeito e uma submissão que eram sempre seguidos de um agradecimento amavel pela lição recebida, embora esta fosse de carater reprehensivo.

Dentro da sua magnífica escola o dr. Jaime Mauperrin Santos, não pretendia unicamente crear pequenos sabios; eram muito mais largas e uteis á nossa sociedade as suas aspirações de perfeito educador: pretendia sim construir carâteres em tudo dignissimos, fortalecendo vontades e afinar qualidades admirativas, tornando os seus discipulos sensíveis ao amor das pequenas coisas; e assim, cada geração saída da *Escola Academica*, era sempre mais rica de saude fisica, moral e intelectual e mais apta estava para bem servir a patria querida, por cujo engrandecimento de toda a ordem o dr. Mauperrin Santos tanto se interessou.

A grande familia portugueza deve sentir-se mais pobre com a morte de quem soube sêr, através de toda a sua vida dum trabalho constante e intenso e honestidade suprema, um verdadeiro portuguez que só por si e com o exemplo da sua obra monumental de sublime educadôr, bastava para mostrar aos que duvidam malévolaemente das qualidades excepcionaes da nossa raça, para esses só admirada através da tradição nevoenta e passado, quantas vezes lendario, que na hora de hoje o dr. Mauperrin Santos soube vivêr uma vida que se impoz a todos pela singularidade magnificente da sua obra, a tal ponto construtiva e cimentada tão fundamente, em vinte e tantas gerações seguidas, o grande sentimento do amor da Patria pelo aperfeiçoamento da nossa raça, que ele queria que fôsse forte e feliz, que todos nós, portuguezes, ao recordarmos a bela figura do dr. Jaime Mauperrin Santos, devêmos ter lagrimas nos olhos, de dôr e desespero, pelo desaparecimento da nossa convivencia de quem foi um chefe de familia encantadôr, um Mestre e um Educador adorado por quantos receberam as suas lições e os seus conselhos e, acima de tudo, um grande amigo da sua terra, legitimo orgulho duma nacionalidade inteira que dolorosamente sentirá a sua perda irreparavel.



Exposição de pintura

A exposição de quadros feita nos ultimos dias, por Abel Santos, foi com frequencia visitada e apreciada devidamente.

Ao salão Picadilly, hora a hora, profissionais e gente amadora e curiosa de arte accoriam, fugidos ao torvelinho inverno das ruas, a retemperarem-se de estímulo e emoções belas. E' que na verdade, Abel Santos vai afirmando indiscutivelmente os seus meritos de colorista delicado. Discipulo de Carlos Reis, não desmerece dos cuidados do seu mestre.

Trechos das Lapas—Caminho Florido, acreditam no como paisagista de futuro. *Tarde triste—Poente*, impressionam subtilmente.

Crisantemos são admiraveis de frescuro e graciosidade.

A aquisição de varias telas, expostas no salão Picadilly, prova bem que o grande merecimento do joven pintor é reconhecido com justiça.

Brinde aos nossos assinantes e anunciantes

Com este n.º é distribuido a todos os srs. assinantes e anunciantes uma alegoria ao novo ano, gracioso desenho do espirituoso humorista sr. Norberto Corrêa. Este brinde avulso custa 100 réis.



O TUMULO DE SOUSA VITERBO

No dia 29 passou o terceiro aniversario da morte de Sousa Viterbo o notavel poeta, publicista e arquiologo que votou toda a sua vida ao estudo e investigações da historia patria. Para guardar os seus restos mortaes, foi levantado no cemiterio occidental o mausoleu que a nossa gravura representa, e cujo projeto é do talentoso esculptor sr. Francisco dos Santos, que compoz uma bela allegoria, representando, sob um portico em ruínas, a figura da arquiologia.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE—CAKULA

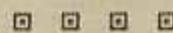
Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Casa de Paris

Rua d'Assunção, 56 —

Lisboa



Grande e variado sortimento de brinquedos, quinquilherias e artigos proprios para brindes.

10 % de desconto aos clientes da casa Pires Marinho

Preço fixo

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C., Lisboa. Unico legitimamente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua effi-cacia na *dobildade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doencas* e sempre que é preciso *levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

ALMANAQUE ILUSTRADO DO "OCCIDENTE"

Para 1914—PREÇO 100 RÉIS—Pelo correio 120

Está publicado e á venda em todas as principaes livrarias e tabacarias e na provincia em casa dos srs. agentes

Empreza do Occidente—POÇO NOVO—LISBOA

